

As tecelãs na realidade e na obra literária *Parque Industrial* - reflexão sobre papéis, valores e imposições sociais

The weavers in reality and literary book *Parque Industrial* – reflection on roles, values and social impositions

Natália Nogueira de Camargo

Mestre em História

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

nc.natalia22@gmail.com

Recebido em: 05/06/2015

Aprovado em: 29/03/2016

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo não só conhecer melhor as operárias do ramo têxtil que foram entrevistadas como também analisar a construção da identidade de gênero dessas agentes históricas. Além disso, abordará, ainda que de uma forma sucinta, a história de vida dessas trabalhadoras, relacionando sua trajetória de vida com a questão dos papéis e valores destinados às mulheres brasileiras no começo do século XX. De uma forma geral, esse artigo pretende realizar uma abordagem de caráter complementar, discutindo as limitações impostas pela sociedade e enfrentadas pelas nossas entrevistadas no plano micro com as imposições sociais que sofridas pelas operárias no plano macro são retratadas na obra *Parque Industrial* de Patrícia Galvão.

Palavras-chave: Operárias, têxtil, identidade.

Abstract: This paper aims to not only get to know the workers in the textile industry who were interviewed as well as analyze the construction of gender identity of these historical agentes. Furthermore, will discuss, albeit succinctly, the life story of these workers, relating their life stories with the issue of the roles and values for the Brazilian women in the early twentieth century. In general, this article intends to do complementary approach, discussing the limitations imposed by society and faced by our interviewees in the micro plan with social impositions suffered by workers in macro plan are portrayed on the book *Parque Industrial*, whose author is Patrícia Galvão.

Keywords: Workers, textile, identity.

Antes de realizar tal abordagem, discorreremos sobre uma importante luta que uniu mulheres de diferentes setores sociais, constituindo um elemento imprescindível para a

construção da identidade das mulheres nesse período- o voto feminino. Para Thompson, a classe acontece quando os homens articulam seus interesses entre si e em oposição a outros¹. A partir disso, pode-se afirmar que as mulheres se uniram em torno da luta pelo voto feminino, uma demanda constituidora da identidade de gênero, para se afirmar enquanto grupo social com interesses similares. Dessa maneira, trataremos as mulheres nesse artigo como uma classe-gênero em que a identidade de classe influenciava a identidade de gênero e vice-versa. A seguir abordaremos sucintamente sobre as questões de classe e de gênero.

Exponentes da história social inglesa e conhecidos como os historiadores marxistas britânicos, Maurice Dobb, Rodney Hilton, Christopher Hill, Eric Hobsbawm e Edward Thompson fizeram não só contribuições individuais nos seus respectivos campos de estudos como também, coletivamente, foram responsáveis pelo estudo e desenvolvimento da história social como um todo.²

O trabalho dos historiadores marxistas britânicos forçou uma reconsideração na maneira em que se entende classe, dando uma importante contribuição a esse conceito. Esses autores defendiam que não se pode continuar vendo classe em uma dicotomia objetiva/subjectiva e derivada de uma oposição de consciência falsa/verdadeira, mas sim deve-se considerar classe social em termos de experiência das pessoas e atividades, estruturada especialmente, embora não exclusivamente, por suas relações de produção.³

Dessa forma, esses historiadores examinam classe como relações históricas e processo. O conceito de classe a partir dessa perspectiva acaba sendo alargado na medida em que esses autores tinham a intenção de distanciar a luta de classes de um determinismo econômico e de seus esforços de superar o modelo base-superestrutura.⁴

De uma maneira geral, pode-se afirmar que a contribuição coletiva dos historiadores marxistas britânicos, entendida a partir de uma “história vista de baixo”, não tem somente influenciado na escrita da história, como também fez uma correção da escrita de uma perspectiva das elites ou classes mandantes, desafiando assim a concepção de processo histórico que acompanha a história a partir dessa visão.⁵

¹ THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.V.1.

² KAYE, Harvey. “Introduction” e “The Collective Contribution”. In: *The British marxist historians: an introductory analysis*. Oxford: Polity Press, 1984.

³ KAYE. “Introduction” e “The Collective Contribution”.

⁴ _____. “Introduction” e “The Collective Contribution”.

⁵ _____. “Introduction” e “The Collective Contribution”.

Em relação à questão de gênero pode-se afirmar que a grande mudança da história nas últimas décadas, detendo-se em temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse, contribui para o desenvolvimento dos estudos sobre as mulheres. Dessa forma, com a pluralização dos objetos da investigação histórica, as mulheres passam a assumir a condição de objeto e sujeito da história.

A escrita da história do gênero ganha força na década de 70 com o movimento feminista, em que a discussão sobre as mulheres alcançou os lares, as ruas e as universidades. Neste movimento, Michelle Perrot, Pauline Schmitt e Fabienne Bock, na época todos lecionavam na Universidade de Paris VII-Jussieu, lançaram em 1973 um curso cujo tema principal era o questionamento se as mulheres tinham história.⁶

No Brasil, esses estudos, que também se iniciaram nos anos 70, adquiriram força nas décadas de 80 e 90 em que a discussão se apresentava com relação ao tema “história das mulheres” ou “relações de gênero”. Historiadoras como Heleieth Saffioti, Celi Pinto, Eva Blay, Maria Luiza Heilborn, Eleonora Menicucci de Oliveira, Albertina de Oliveira Costa, Cristina Bruschini, Elizabeth Lobo, Lia Zanotta, Lena Lavinias e Margareth Rago, entre outras, fundaram na Unicamp o Núcleo de Estudos do Gênero Pagu, espaço destinado a pesquisar assuntos relacionados inicialmente à feminilidade e posteriormente também à masculinidade.⁷

Nesse período, a história das mulheres sofreu uma significativa mudança, passando repentinamente a abordar a categoria de gênero. Dessa maneira, uma vasta literatura abriu-se: as pós-estruturalistas com Jacques Derrida e Michel Foucault dissolvendo os sujeitos e apontando para a dimensão relacional da nova categoria; as marxistas que procuraram integrar a nova categoria em seu sistema de pensamento, procurando garantir o lugar hegemônico do conceito de classe, já que considerava a problemática que divide homens e mulheres uma contradição secundária que encontraria solução com o fim da contradição principal que estaria na instauração da sociedade sem classes com a mudança do modo de produção. Sendo assim, ao final mantinham-se as hierarquias. Além disso, existiram as propostas e interpretações das psicólogas que estavam mais ligadas às questões da maternidade e da crítica ao patriarcado.⁸

⁶ RAGO, Margareth. "Descobrimo Historicamente o Gênero". Disponível em: < [http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/PAGU/1998\(11\)/Rago.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/PAGU/1998(11)/Rago.pdf) >. Acesso em: 27 de setembro de 2012.

⁷ _____. "Descobrimo Historicamente o Gênero".

⁸ _____. "Descobrimo Historicamente o Gênero".

O Acesso aos Direitos Políticos através da Conquista do Voto Feminino

A Constituição de 1891 determinou que em relação ao voto o corpo de eleitores e de pessoas elegíveis devia ser formado por cidadãos alfabetizados e maiores de 21 anos. Antes de a constituição ser proclamada, a Assembleia Constituinte discutiu a questão do voto feminino, sendo que alguns dos presentes chegaram a defender essa pauta.⁹

Pelo fato de o código ter deixado de fora as mulheres, diversas delas se manifestaram com o intuito de defender sua participação na vida pública. Assim, algumas tiveram a iniciativa de solicitar alistamento eleitoral e até mesmo de lançar sua candidatura política.¹⁰

No começo do século XX havia na sociedade e entre as autoridades e políticos forte oposição às demandas das mulheres. Apoiando essa oposição, a ciência da época considerava as mulheres por suas supostas fragilidades e menor capacidade intelectual, inaptas para o exercício de atividades públicas, defendendo que o lar constituía o local para o desempenho de sua função social, expresso principalmente pelo cuidado com a família.

Nesse contexto, apareceu a feminista Bertha Lutz que ao voltar ao Brasil em 1918 depois de morar na Inglaterra e na França, onde cursou Biologia na Sorbonne, iniciou a sua campanha pela emancipação feminina. Lutz foi classificada em primeiro lugar no concurso para trabalhar no Museu Nacional, constituindo-se na segunda mulher a entrar para o serviço público no Brasil¹¹.

Em pouco tempo, Bertha Lutz conseguiu reunir um grupo de mulheres que pensavam como ela, se tornando não só uma referência nos movimentos de mulheres da época como também a feminista mais influente na política nacional. Bertha e suas companheiras buscavam o apoio de lideranças e da opinião pública e pressionavam parlamentares, autoridades políticas e educacionais.¹²

Em 1922, participou em favor das empregadas no comércio, ocasião em que intercedeu junto ao Conselho Municipal para a redução do horário de trabalho da categoria, de 13 a 14 horas diárias para 8 horas, no que foi bem-sucedida. Durante toda a Primeira República, a feminista solicitou por várias vezes à Câmara de Deputados um projeto com base nos dispositivos da

⁹ PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. “Participação Feminina no Debate Público Brasileiro”. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (orgs.). *A Nova História das Mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

¹⁰ _____. “Participação Feminina no Debate Público Brasileiro”.

¹¹ SOIHET, Rachel. “A Conquista do Espaço Público”. In: _____. *A Nova História das Mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

¹² _____. “A Conquista do Espaço Público”.

Conferência Geral do Trabalho de Washington (1919), referentes ao trabalho da mulher na indústria, da qual participara como representante oficial do país.¹³

Apesar das várias frentes de luta que Bertha Lutz realizou, a conquista do voto feminino foi a sua prioridade, já que acreditava que o acesso aos direitos políticos era essencial à obtenção de garantias com base na lei.¹⁴

As condições de trabalho das mulheres pobres também integraram as pautas da militância de Bertha Lutz que nessa área sugeriu a criação de associações de classe para as diversas categorias profissionais.¹⁵

A educação feminina, considerada fundamental para a emancipação das mulheres, foi outro ponto da atuação das feministas que lutavam para que estas dispusessem dos mesmos meios para o exercício do trabalho e, com isso, obtivessem a mesma remuneração recebida pelos homens.¹⁶

Em 1932, o Brasil criou um novo Código Eleitoral, no qual estabeleceu-se no país com o Decreto 21.076 de 24 de fevereiro de 1932 o voto secreto e o voto feminino. Dessa forma, o Brasil tornou-se o segundo país da América Latina, depois do Equador, a estender às mulheres o direito de voto.¹⁷

Apesar desse código, faltava a incorporação desse princípio à Constituição que só seria votada em 1934. Bertha Lutz foi indicada para representar a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, a (FBPF), na Comissão de Elaboração do Anteprojeto à referida Constituição. Isso aconteceu de modo que todo o trabalho desenvolvido pela Assembleia Constituinte fosse atentamente acompanhado pela liderança da FBPF para evitar qualquer retrocesso nas conquistas obtidas, uma vez que havia representantes que combatiam o voto feminino¹⁸. Com isso, graças às pressões feministas e uma luta que durou décadas, o sufrágio feminino foi garantido com a inclusão do artigo 108 na Constituição de 1934.¹⁹

Faz-se necessário comentar que houve certa distância em termos de interesses entre as militantes da FBPF que, em sua maioria, eram profissionais liberais ou membros da burguesia e

¹³ SOIHET. “A Conquista do Espaço Público”.

¹⁴ _____. “A Conquista do Espaço Público”.

¹⁵ _____. “A Conquista do Espaço Público”.

¹⁶ _____. “A Conquista do Espaço Público”.

¹⁷ _____. “A Conquista do Espaço Público”.

¹⁸ _____. “A Conquista do Espaço Público”.

¹⁹ _____. “A Conquista do Espaço Público”.

as mulheres das classes trabalhadoras. Enquanto as primeiras estavam mais engajadas com a questão do voto feminino, as últimas estavam mais preocupadas com questões de sobrevivência do que com o problema do voto em si.²⁰

No geral, as mulheres que lideravam a luta pelo voto eram em sua maioria provenientes de setores abastados da sociedade e intelectualizadas como a engenheira Carmem Portinho, a advogada Myrthes de Campos e a própria cientista Bertha Lutz.²¹

Em 1937, quando Getúlio Vargas anunciou a implantação do Estado Novo, uma nova Constituição foi estabelecida. Em termos de cidadania, foram preservadas algumas conquistas anteriores e acrescentou as garantias de assistência às famílias de prole numerosa, de educação integral das crianças e do reconhecimento dos filhos naturais que por lei passariam a ter direitos iguais aos dos filhos legítimos. Em relação às mulheres preservou o direito de voto.²²

História de Vida das Operárias Têxteis de São Paulo e São Bernardo

A abordagem realizada abaixo constitui na exposição de relatos orais de operárias da indústria têxtil de São Bernardo e São Paulo. Os primeiros foram realizados entre a metade da década de 80, passando pelos anos 90 e indo até os primeiros anos da década de 2000 em São Bernardo e fazem parte do acervo de depoimentos históricos do Serviço de Memória e Acervo. Esses depoimentos foram colhidos por funcionários em períodos distintos da instituição que, por esse motivo, utilizaram métodos diferentes para coletar os relatos de Verônica e Joana; já as segundas foram colhidas por mim em 2015 através de um questionário responsável por nortear as conversas com Lourdes, Isabel e Teresa.

Verônica Breda Wunderlick nasceu no dia 19 de fevereiro de 1912, tendo na época que foi entrevistada 82 anos. Descendente de italianos, sua mãe se chamava Teresa Angiolete Breda e o seu pai Giovanni Breda.²³

A ex-tecelã Verônica Breda começou a trabalhar em São Bernardo na tecelagem de seda Ítalo Setti ainda criança, quando tinha nove anos. Pelo fato de ter começado a trabalhar muito cedo, Verônica parou de estudar para trabalhar.

²⁰ SOIHET. “A Conquista do Espaço Público”.

²¹ _____. “A Conquista do Espaço Público”.

²² CORTÊS, Iáris Ramalho. “A Trilha Legislativa da Mulher”. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (orgs.). *A Nova História das Mulheres no Brasil*.

²³ Entrevista com Verônica Breda Wunderlick (relato colhido por Ademir Médice), Seção de Documentação e Memória de São Bernardo do Campo, outubro de 1991.

A partir do relato de Verônica, é possível pensar que apenas uma parcela das meninas que trabalhavam continuava a estudar. Apesar dos esforços de alguns governantes no sentido de difundir o saber escolar para os filhos dos trabalhadores urbanos, a longa jornada de trabalho das meninas as impedia de frequentar a escola. Aquelas que conseguiam conciliar o trabalho com os estudos procuravam completar ao menos o antigo curso primário, uma vez que o fato de serem alfabetizadas poderia garantir maiores chances no mercado de trabalho como, por exemplo, um cargo na indústria ou no setor comercial quando adultas.²⁴

Verônica lembra que na sua infância em São Bernardo seus pais e avós plantavam frutas e verduras e criavam porcos e vacas. Dessa maneira, grande parte dos alimentos consumidos provinha da plantação de subsistência da família.

Quando entrou na fábrica, ela ocupou as seguintes funções: trabalhou na espuladeira²⁵, depois foi limpar as peças das máquinas, trabalhou no tear de tecido de guarda-chuva e de gravata, sendo que nesse último tear ficou até sair da indústria têxtil, aproximadamente em 1968.

Na época era comum que as mulheres que trabalhavam nas fábricas deixassem seus empregos depois de casadas ou após o nascimento do primeiro filho. Porém, esse não foi o caso de Verônica que continuou a trabalhar após o casamento, realizado no início de 1937. O marido da ex-operária chamava-se Oscar e era funileiro e comerciante.

A *Folha de São Bernardo* publicou a notícia em que a prefeitura concedeu um prêmio de honra ao mérito, dando a Verônica uma medalha banhada a ouro por ser a operária mais antiga de São Bernardo, com 47 anos de fábrica.²⁶

Também ex-operária de São Bernardo, Joana Versolato nasceu no dia 24 de junho de 1927. Seu pai era italiano e se chamava Giacomino. Ele veio para o Brasil com quatro anos. Sua mãe se chamava Ângela e era brasileira, provavelmente filha de italianos, pois ela ficou oito anos na Itália, ela foi com quatro anos e voltou com doze para o Brasil.²⁷

²⁴ AREND, Sílvia Fávero. "Meninas, Trabalho, Escola e Lazer". In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (orgs.). *A Nova História das Mulheres no Brasil*.

²⁵ Espuladeira era uma máquina muito utilizada na indústria têxtil desse período. O operário (a) que operava a espuladeira manipulava os dispositivos de comando e controlava-lhe o funcionamento para produzir espulas de tramas utilizadas na tecelagem.

²⁶ Entrevista com Verônica Breda Wunderlick (relato colhido por Ademir Médice), Seção de Documentação e Memória de São Bernardo do Campo, outubro de 1991.

²⁷ Entrevista com Joana Versolato (relato colhido por Jorge Jacobine acompanhado pela professora Lúcia Melges), Seção de Documentação e Memória de São Bernardo do Campo, outubro de 2004.

Quando os pais de Joana vieram para o Brasil eles foram para Piracicaba, só depois foram morar em São Bernardo. Dos nove filhos, somente Joana e a irmã nasceram em São Bernardo, o resto dos irmãos nasceram em Piracicaba.

Com 7 anos, Joana entrou no Grupo Escolar onde havia uma clara divisão sexual: antes do quarto ano a sala era composta só por meninas, no quarto ano metade da turma era composta de menina e metade era menino de modo que as meninas ficavam na frente da sala e os meninos atrás.

Giácomo era benzedor e trabalhava em uma chácara entregando leite na estação de trem. Como naquela época garoava e tinha muita serração o pai de Joana não viu que o trem iria passar e acabou se acidentando, ele ficou três dias desacordado, um ano no hospital e mais quatro anos andando de muleta.

Depois do acidente, ele não teve direito a nenhum tipo de aposentadoria, mas recebeu ajuda do dono da chácara, o Dr. Baeta, que arcou com os gastos hospitalares. Quando saiu do hospital, Giácomo foi trabalhar como autônomo: vendia sorvete, fazia linguiça e não só comercializava bananas para as quitandas como também vendia ele mesmo na carroça em São Bernardo. A mãe de Joana faleceu com 48 anos, quando ela tinha 15 anos. Não se sabe ao certo a causa da morte, mas a ex-operária acredita que tenha sido câncer de fígado.

Em relação ao lazer nas décadas de 30 e 40, Joana comenta que a diversão era ir à missa e ao cinema, sendo a missa mais acessível. As moças e os rapazes se viam na “reza” e, assim, depois de saber a que família pertencia, os rapazes falavam com a família no portão da casa da moça para o pai conhecer.

Joana não conheceu seu esposo na missa, mas sim em um piquenique no Eldorado no qual ele foi acompanhado com a sua irmã e ela com seu irmão. No dia eles não se falaram, foi só depois de 6 meses que começaram a conversar. Quando o casal começou o namoro, ela tinha 15 anos. O casamento aconteceu em 1948.

O esposo de Joana trabalhava como marceneiro em uma fábrica e como motorista de taxi e depois do casamento ela revela que não pôde mais trabalhar. A ex-operária só trabalhou com tecelagem um ano, com tear de tecido de algodão, pois quando foi para o tear de seda natural a sua mãe faleceu. Com isso, as suas irmãs, elas eram três, que tinham mais prática na tecelagem falaram para ela ficar em casa para fazer o serviço doméstico. Elas se revezavam, as irmãs trabalhavam um ano e ela ficava em casa, depois elas trocavam.

Lourdes Fontes Luchesi nasceu no dia 26 de novembro de 1924 e tinha no momento da entrevista 90 anos. Ela nasceu em Itápolis, perto de Araraquara, depois foi morar em Novo Horizonte e depois disso seu irmão foi buscá-la com seus irmãos para morar em São Paulo.²⁸

A mãe de Lourdes morreu quando ela tinha 7 anos e quando isso aconteceu seu pai passou a morar com outra mulher. Depois disso a família se separou: o pai ficou de um lado e os filhos, de outro. Eram 10 irmãos, Lourdes era a oitava filha.

Lourdes começou a trabalhar em São Paulo com mais ou menos 15 anos em 1941 e trabalhou até 1945. Primeiro ela trabalhou na *Alpargatas*, depois no *Lanifício Varam*, no *Cotonifício Adelina* e por último em uma fábrica na Rangel Pestana, em 1945.

A ex-operária foi trabalhar por necessidade, uma vez que depois que a mãe morreu ela e os seus irmãos mais novos passaram sérias dificuldades ao ponto de a vizinha dar comida escondido para que eles não passassem fome, já que o pai não sustentava os próprios filhos.

A partir disso, um irmão que morava em Campinas levou Lourdes e seus outros irmãos para morar com ele. No interior, ela foi trabalhar de doméstica e sofria assédio por parte do irmão da dona da casa. Cada um deles trabalhava em uma casa até que um outro irmão de Lourdes os levou para morar em São Paulo.

Era comum que os filhos e filhas de famílias pobres tivessem a necessidade de trabalhar para garantir o sustento. Nas primeiras décadas do século XX, os médicos juntamente com os representantes do movimento operário, criticaram a utilização da mão de obra infanto-juvenil na indústria. Segundo eles, esse tipo de trabalho colocava em risco o bom desenvolvimento do corpo das meninas, podendo afetar a sua reputação moral.²⁹

O Código de Menores de 1927 e a legislação trabalhista, principalmente criada no primeiro governo de Vargas (1930-1945), procuravam interditar o espaço fabril a meninos e meninas. Como no plano ideal o local das mulheres era a casa, as autoridades judiciárias da época aconselhavam aos donos das fábricas a não contratarem meninas em seus estabelecimentos.³⁰

Como resultado disso, a grande maioria das meninas sem recursos financeiros que moravam nas cidades recorriam ao trabalho doméstico, como no caso de Lourdes. A maioria

²⁸ Entrevista com Lourdes Fontes Luchesi (relato colhido por Natália Nogueira de Camargo), São Paulo, junho de 2014.

²⁹ AREND. “Meninas, Trabalho, Escola e Lazer”.

³⁰ _____. “Meninas, Trabalho, Escola e Lazer”.

delas começava entre os 9 e 10 anos como babás e, com o decorrer dos anos, tornavam-se empregadas domésticas.³¹

Em 1940, a ex-tecelã não chegava a trabalhar um ano nas fábricas, já que nesse período era fácil ter um emprego, então ela saía de uma para entrar em outra indústria. Depois de trabalhar nas fábricas, ela trabalhou em drogarias. Lourdes preferiu trabalhar no comércio do que nas indústrias de tecidos, pois as condições de trabalho nas fábricas eram muito difíceis.

Analisando as condições de trabalho dentro das fábricas, nota-se, por meio de um relato de uma ex-operária, que estas eram extremamente hostis, marcadas principalmente pela exploração dos patrões, o que caracterizava uma vida de sérias dificuldades na qual mulheres pobres tinham que, muitas vezes, manter sozinhas suas famílias. Dessa maneira, percebe-se a situação de extrema miséria que muitas trabalhadoras se encontravam ao ponto de terem que praticar pequenas transgressões para atenuar a dura realidade que enfrentavam.

Assim como a maioria das mulheres nas décadas de 30 e 40, quando casou, em 1956, com a idade de 32 anos, Lourdes parou de trabalhar para cuidar da casa, do marido e dos futuros filhos que viriam. Entretanto, devido à infidelidade de seu esposo, a trabalhadora acabou por se divorciar, passando a se dedicar inteiramente aos seus filhos.

Isabel Peres Lopes nasceu em 28 de junho de 1927 em uma cidade chamada Gavião Peixoto, perto de Araraquara. Filha de pai e mãe espanhóis, eles vieram para o Brasil quando tinham 10, 11 anos cada um e se casaram aqui. O pai inicialmente trabalhou na roça, depois ele se mudou para São Paulo e trabalhou como pedreiro até se aposentar.³²

Quando era criança Isabel trabalhou no campo. Nesse período ela morava em Marília e trabalhou carpindo na roça de café. Também quando tinha 12, 13 anos, ela trabalhou com os japoneses cortando folha de amora e pegando bichos-da-seda para pôr no casulo da seda.

Depois ela morou em São Paulo, já que seu pai se mudou para essa cidade em busca de melhores oportunidades de trabalho, e entrou na fábrica *Lanificio Varam*, localizada na região entre o Bresser e o Brás. Entrou por volta de 1940 e ficou até 1949, tendo trabalhado, portanto, nessa fábrica por 9 anos. Quando se casou, ela trabalhou só mais 8 meses porque o marido não permitiu mais que trabalhasse.

³¹ _____. “Meninas, Trabalho, Escola e Lazer”.

³² Entrevista com Isabel Peres Lopez (relato colhido por Natália Nogueira de Camargo), São Paulo, junho de 2014.

Antes de casar, Isabel trabalhava porque tinha que ajudar os pais nas despesas da casa. Porém, ela não podia andar sozinha, sendo sempre acompanhada por uma figura masculina: quando ia para a fábrica estava acompanhada com o seu tio e à noite seu pai ia buscá-la no ponto onde descia do bonde.

Apesar de o marido não deixar Isabel trabalhar depois de casados, ela ajudava o esposo que era retilhinista e fazia malhas e roupa de bebê sob encomenda nas máquinas que tinham em casa. Assim, já casada, ela ajudava com o serviço do esposo, ficava até tarde da noite costurando casa, pondo galão na blusa, fazia tudo na mão. Ela também fazia camisas, chegou a fazer até 25 peças por dia.

Com isso, nota-se que além do trabalho fabril outra alternativa para as mulheres era o trabalho domiciliar, isto é, atividades remuneradas realizadas nas próprias residências para empresas, oficinas ou intermediários no regime de pagamento por peça. Ainda que a remuneração fosse baixa, tais funções permitiam conciliar as atividades de mãe e dona de casa com uma atividade que lhes proporcionava certo rendimento.³³

Teresa Ribeiro da Silva nasceu em Borborema em 30 de setembro de 1929. Hoje Borborema pertence à Itápolis, localizada no estado de São Paulo. Ela começou a trabalhar nas indústrias Matarazzo em 1944, depois trabalhou três anos na tecelagem de Matarazzo no Belenzinho, depois disso ela se mudou para Petrópolis no Rio de Janeiro e se empregou na tecelagem *Santa Helena* por volta de três, quatro anos e por fim voltou para São Paulo e trabalhou até se aposentar em uma tecelagem pequena dos *Irmãos Romanos*.³⁴

Ainda cedo, Teresa perdeu seu pai. Sua mãe costurava e ela se mudou do interior com o objetivo de trabalhar. Quando chegou em São Paulo, uma senhora prima de sua mãe que trabalhava em uma das indústrias de Francesco Mattarazzo indicou Teresa. Logo em seguida ela se empregou nessa fábrica.

A ex-tecelã relata um fato interessante da diferença entre tecelagem grande e pequena. Para ela, a tecelagem dos *Irmãos Romanos* por ser pequena era melhor do que as indústrias de Matarazzo onde as funcionárias ficavam mais distantes. Nesse sentido, a convivência em um

³³ MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. "Espaço feminino no mercado produtivo". In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (orgs.). *A Nova História das Mulheres no Brasil*.

³⁴ Entrevista com Teresa Ribeiro da Silva (relato colhido por Natália Nogueira de Camargo), São Paulo, setembro de 2013.

espaço de trabalho menor propiciava um ambiente mais amistoso e laços mais próximos entre as trabalhadoras.

Teresa se interessava por política, não para participar ativamente no sindicato, mas para conhecer e saber o que acontecia. Sua participação nessa organização de trabalhadores se concentrava em situações mais imediatas para se informar de seus direitos e também participar da parte recreativa. Contudo, o mesmo não acontecia com as suas colegas de trabalho que ficavam com receio de frequentar o sindicato e acabar demitidas, uma vez que de acordo com a operária quem participava dessa instituição ficava visada na firma.

A trabalhadora não se casou, mas afirma ser difícil ter que conciliar a dupla jornada: a da fábrica e a de casa. Dessa maneira, por meio dessa dupla jornada, as mulheres serviam ao capital não somente através de sua força de trabalho trocada sob uma forma barata extremamente vantajosa ao empregador como também elas permitiam através do seu trabalho doméstico que uma massa de trabalhadores continuasse chegando diariamente às fábricas.³⁵

É relevante comentar que, ainda que a memória coletiva seja considerada mítica e deformada, ela representa o vivido da relação nunca acabada entre presente e passado³⁶. Com isso, nota-se a importância dos relatos que apesar de suas limitações devido a construção dos fatos históricos ser mediada por uma memória que é essencialmente seletiva e parcial tendo em vista questões do presente, as entrevistas evidenciam sua riqueza na medida que tratam da história vivida dessas agentes históricas.

Trabalhadoras Retratadas na Obra *Parque Industrial* de Patrícia Galvão

Em relação às imposições sociais sofridas pelas mulheres operárias, a obra *Parque Industrial*, em que a autora Patrícia Galvão retrata o cotidiano dessas mulheres em São Paulo, trazendo à tona limitações e abusos sofridos por essa camada social, revela-se uma fonte importante para refletir sobre essas experiências.

Patrícia Rehder Galvão nasceu em 1910 em São João da Boa Vista (SP)³⁷. Segundo Geraldo Ferraz, Patrícia Galvão, mais conhecida como Pagu, viveu na Vila Mariana e frequentou

³⁵ PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e Trabalhadoras: presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

³⁶ GOFF, Jacques Le. "História". In: *Enciclopédia Einaudi*. Memória-História, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984.

³⁷ "Patrícia Galvão". Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/patricia_galvao>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2015.

a Escola Normal da Praça da República antes de participar da Revista de Antropofagia, junto com Oswald de Andrade, Raul Bopp, Osvaldo Costa, Geraldo Ferraz e Fernando Mendes de Almeida.³⁸

Após uma visita a Buenos Aires, onde conheceu Luis Carlos Prestes e os escritores Jorge Luis Borges, Victoria Ocampo, Eduardo Mallea, Galvão entrou para o Partido Comunista do Brasil (PCB).³⁹

Em 1931, Pagu foi citada em um comício do Partido como tendo sido a primeira mulher a ser presa durante uma greve de estivadores em Santos, ocasião em que viu morrer outro militante. Nesse mesmo ano, fundou, com Oswald de Andrade, com quem se casara no ano anterior, o jornal *O Homem do Povo*, que durou oito números, onde assinou a coluna *A Mulher do Povo*⁴⁰. Galvão viajou o mundo como correspondente dos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Diário da Noite*. Quase foi deportada para a Itália ou a Alemanha devido a sua militância em Paris⁴¹.

Quando voltou ao Brasil se envolveu no levante de 1935, o que resultou em sua prisão até 1940. Desligando-se do Partido Comunista, retomou sua colaboração com alguns jornais e em 1945 publicou em parceria com Geraldo Ferraz o romance *A Famosa Revista*, descrito como "documento anti-estalinista" e elogiado por suas qualidades literárias. A partir desse ano, tornou-se correspondente da Agência France Presse, deixando esse trabalho para colaborar no jornal *A Tribuna* a partir de meados dos anos 50.⁴²

Em 1950, concorreu pela legenda do Partido Socialista Brasileiro (PSB) a um cargo na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Na sua campanha eleitoral lançou o panfleto político intitulado "Verdade e Liberdade" em que explicava as razões de sua candidatura, rememorava os tempos de prisão e atacava o PCB. Contudo, não conseguiu eleger-se⁴³. Ainda nos

³⁸ CORRÊA, Mariza. *A propósito de Pagu*. Disponível em:
<[http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/1993\(1\)/Correa.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/Pagu/1993(1)/Correa.pdf)>.
Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

³⁹ _____. *A propósito de Pagu*.

⁴⁰ CORRÊA. *A propósito de Pagu*.

⁴¹ _____. *A propósito de Pagu*.

⁴² _____. *A propósito de Pagu*.

⁴³ "Patrícia Galvão". Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/patricia_galvao>.
Acesso em: 5 de fevereiro de 2015.

anos cinquenta dedicou-se ao teatro. Traduziu e dirigiu uma peça de Arrabal e de forma pioneira traduziu Eugene Ionesco. Morreu de câncer em Santos em 1962.⁴⁴

Patrícia Galvão foi militante feminista e comunista, acreditava que a escrita poderia servir a um ideal, se dirigindo a um propósito social ou político específico. Publicou *Parque Industrial* sob o pseudônimo de Mara Lobo, em 1933.

O romance pode ser considerado como revolucionário, cheio de vozes do proletariado, na medida em que denuncia e registra problemas sociais e políticos da época, acontecimentos em que a própria autora esteve envolvida, chegando inclusive a militar no Partido Comunista, ser presa e torturada. A obra reflete a relação entre literário e social, demonstrando sua relevância ao registrar o cenário desolador do Brasil nos anos 1930.⁴⁵

A análise da obra é interessante tanto do ponto de vista da importância histórica do novo gênero que, junto a outros escritores naquele período, inaugurou, o romance proletário, como também a partir dos significados que muitas das passagens do romance tiveram para a vida real de Pagu.⁴⁶

De maneira diferente da literatura modernista, a literatura dos anos 30 tinha como intuito tratar do cotidiano dos pobres e oprimidos, tema praticamente desconhecido até então. Inspirado na temática da miséria urbano-industrial, essa foi a origem do romance proletário que se aproximava do chamado “realismo socialista”, focado no relato fiel dos fatos.⁴⁷

Em 1933 verifica-se um clima de polarização política e literária que cria uma clara predominância do romance social, sendo que o resultado mais perceptível dessa polarização foi o esforço do romance classificado como “proletário” de incorporar grupos sociais marginalizados em relação às elites de onde, de maneira geral, provinham os romancistas. Nesse movimento existiram também escritores que insistiam em abordar as próprias elites como um caminho para a superação dos impasses de seu tempo.⁴⁸

⁴⁴ “Patrícia Galvão”.

⁴⁵ SOUSA, Luciana Oliveira de. “Parque Industrial - a literatura feminina engajada de Patrícia Galvão/Pagu”. *Revista Desenredos*, ano IV, n.13, abril/maio/junho de 2012.

⁴⁶ HIGA, Larissa Satico Ribeiro. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llil/ilassa/2008/higa.pdf>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

⁴⁷ “Literatura Proletária”. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/IntelectuaisEstado/LiteraturaProletaria>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2015.

⁴⁸ BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Essa literatura foi responsável por uma das maiores conquistas do romance de 30 para a ficção brasileira: a incorporação das figuras marginais. Assim, esse procedimento fez com que os romancistas de 30 produzissem uma vigorosa força de oposição a uma visão totalitária de Brasil proposta por Getúlio Vargas que almejava o modelo oficial de unidade nacional, cuja tendência seria a de apagar as diferenças para se obter um conceito uno de nação.⁴⁹

Em linhas gerais, pode-se afirmar que o romance proletário é definido em três pilares: espírito documental voltado, especialmente, para a vida das camadas mais pobres, movimento de massa e sentimento de luta e revolta. Com isso, o sentido de aproximação com o outro marginalizado que o romance de 30 fez de forma sistemática deve ser entendido a partir do fato de que a descoberta do proletário pelos autores daquele período nasceu da necessidade de pensar e entender um presente dominado pela pobreza de que era impossível fugir.⁵⁰ Algumas obras desse gênero são *A Escada Vermelha* de Oswald de Andrade, *Navios Iluminados* de Ranulfo Prata e *Cacau, Suor, Jubiabá e Capitães de Areia* de Jorge Amado.⁵¹

Parque Industrial, ao ser escrito pela autora logo após seu afastamento do PCB em 1932, apesar de inovar o gênero por ter como personagem principal os trabalhadores, apresenta uma história bem simples: conta-se o cotidiano das mulheres trabalhadoras do bairro do Brás, explicitando para o leitor a exploração e a violência oriunda do capital e vivida cotidianamente por essa camada social formada principalmente pelas mulheres, uma vez que formavam a principal força de trabalho na indústria têxtil na época.⁵²

Ao eleger como cenário o Brás, um dos bairros mais representativos da entrada do trabalho industrial no Brasil, escolhendo como personagens as trabalhadoras da indústria têxtil e outras atividades em torno dela, identificava características particulares desse Brás como verdadeira “nação” proletária constituída no Brasil⁵³. Com isso, o objetivo da obra era não só alertar como também indignar o leitor, com as imagens que mostram as péssimas condições de vida a que a classe trabalhadora estava submetida no sistema capitalista, centrando-se na experiência paulistana.⁵⁴

⁴⁹ _____. *Uma História do Romance de 30*, p. 80.

⁵⁰ _____. *Uma História do Romance de 30*, p. 283.

⁵¹ “Literatura Proletária”. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/IntelectuaisEstado/LiteraturaProletaria>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2015.

⁵² “Literatura Proletária”.

⁵³ GUEDES, Thelma. *Literatura e Revolução: um estudo sobre o romance Parque Industrial*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2003.

⁵⁴ HIGA. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

Assim, nessa obra, Galvão mostra as mulheres operárias do Brás com o intuito de denunciar a relação de exploração entre burguesia e proletariado na industrialização de São Paulo. Isso evidencia que a autora apresenta, ou melhor, representa as trabalhadoras de uma forma específica, o que faz pensar não só no próprio conceito de representação como também no motivo que levou Pagu a retratar essas mulheres da maneira que fez.

As representações fazem parte do processo de construção de identidades, mostrando não só a complexidade do mundo social como também podem ser entendidas como constitutivas do próprio real.

Pelo fato de o poder e a dominação estarem sempre presentes, nota-se que as representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade e legitimar escolhas, colocando-se no campo da concorrência e da luta no qual a luta de representação visa impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social.⁵⁵

Na obra, a própria maneira como Pagu reflete sua solidariedade com o proletariado, conclamando o comunismo como recurso salvador da classe trabalhadora, revela que Galvão retrata essas trabalhadoras a partir de um olhar marcado pela esperança da superação do sistema capitalista.

A fim de perceber como Patrícia Galvão representa as trabalhadoras em *Parque Industrial*, faz-se necessário refletir um pouco sobre os personagens da obra.

Rosinha Lituana é associada à personagem histórica de Rosa de Luxemburgo, constituindo imagem idealizada pela autora. Ela é uma imigrante da Lituânia, ênfase da autora na importância do fenômeno migratório na São Paulo do período, que não só se conscientizou na luta organizada como manteve uma conduta revolucionária irrepreensível. Ao final a história, leva-a à prisão e à expulsão do país, denunciando assim a dura repressão que se abatia sobre os militantes no Brasil.⁵⁶

A prática de deportação se intensificou no governo Vargas, já que historicamente os estrangeiros, por constituírem no início da industrialização a maior parte da mão de obra fabril brasileira, foram considerados responsáveis por trazerem da Europa ideias progressistas para o

⁵⁵ _____, *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁵⁶ GUEDES, *Literatura e Revolução- um estudo sobre o romance Parque Industrial*.

cenário político da primeira metade do século XX. É, justamente, nesse contexto que se encontra Rosinha Lituana que é mandada de volta à Europa após ser delatada por Pepe⁵⁷.

Alexandre, correspondente masculino de Rosinha, é o proletário negro que traz no próprio corpo a marca histórica da escravidão.⁵⁸

Otávia é a personagem que sempre se mostra emocionalmente preocupada com os outros: acolhe Corina, preocupa-se com Matilde, com Didi, encanta-se com Alexandre. Ela e Alfredo são os únicos personagens no livro que amam. Porém, o seu enredo conclui-se na impossibilidade da realização do amor, expondo um conflito pessoal relacionado ao caráter autoritário e moralista de certa instância do PCB⁵⁹. Essa personagem que pelo envolvimento com a causa operária muito se assemelha à Pagu da época, rompe com Alfredo, acusado de ser burguês trotskista infiltrado na organização dos trabalhadores.⁶⁰

Matilde e Eleonora representam o ambiente da pequena burguesia. O palco da trama dessas personagens é a Escola Normal, que Pagu conheceu bem. Entretanto, as duas têm destinos opostos. Matilde decairá socialmente, indo morar no cortiço e trabalhar na fábrica, o que ocasionará a sua proletarização⁶¹. De maneira oposta, Eleonora entrará para o mundo dos ricos ao se casar com Alfredo, levando ao extremo a assimilação do que Galvão considerava as taras da burguesia. Essa personagem conhecerá a decadência e a deterioração pessoal.⁶²

A história de Corina é o enredo mais poderoso do romance e detém o ponto mais central e crucial do desabamento da obra. A medida que seu drama se complica, o mundo a sua volta amplia a realidade até o nível do caos e do absurdo. Depois de ficar grávida e ser abandonada, Corina tem o seu filho na sala indigente da “casa de parir”, sendo esse o momento de maior horror e absurdo expressivo, pois a criança está viva, mas não tem pele. Assim, o bebê da mulata de *Parque Industrial* parece ser um emblema do proletário desprotegido e de sua consciência sem pele, impossibilitada da comunicação com a realidade que a cerca.⁶³

Do coletivo de trabalhadores, existem personagens tipificadas que tanto não possuem nenhum trabalho psicológico como não tem muita importância como indivíduos em sua

⁵⁷ HIGA. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁵⁸ GUEDES. *Literatura e Revolução- um estudo sobre o romance Parque Industrial*.

⁵⁹ _____. *Literatura e Revolução- um estudo sobre o romance Parque Industrial*.

⁶⁰ HIGA. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁶¹ GUEDES. *Literatura e Revolução- um estudo sobre o romance Parque Industrial*.

⁶² _____. *Literatura e Revolução- um estudo sobre o romance Parque Industrial*.

⁶³ GUEDES. *Literatura e Revolução- um estudo sobre o romance Parque Industrial*.

singularidade. Os trabalhadores esclarecidos são representados por aqueles que têm consciência de classe e se organizam em sindicatos ou no Partido Comunista para lutar contra sua situação de exploração. No romance esse é o caso de Rosinha Lituânia, Otávia, Alexandre e no final do romance, Matilde. A parte não consciente da luta de classes é composta pelos proletários como Corina, Pepe e por aqueles que como Eleonora traíram os ideais de sua classe. Há ainda Alfredo que abdicou dos confortos da burguesia para lutar pela revolução social ao lado dos trabalhadores do Brás.⁶⁴

Relacionando as personagens consideradas esclarecidas da obra com as ex-operárias têxteis que foram entrevistadas nota-se que as personagens do romance quando comparadas com as ex-operárias possuem um aspecto de certa forma idealizado desde que lutam, ao contrário das trabalhadoras que lutam por causas mais imediatas de sobrevivência, contra uma estrutura social maior geradora de desigualdades sociais. Inclusive, as personagens históricas não participaram do movimento feminista em curso, o que corrobora o fato da sua atuação estar ligada às causas mais emergenciais aos interesses das classes populares.

Tal afirmativa não implica em ignorar a existência de operárias têxteis que lutaram nesse período contra o sistema capitalista, engajadas em organizações de ideologia comunista. Porém, não se deve imaginar que tal ideário correspondia à totalidade de trabalhadoras como pode ser visto pelas mulheres que foram entrevistadas que se preocupavam principalmente com questões relativas às necessidades básicas de existência.

A partir dessa breve exposição sobre as personagens do romance, é possível afirmar que ao representar as trabalhadoras do bairro operário do Brás na sua obra, Patrícia Galvão retrata os sonhos abortados das personagens femininas por uma sociedade que não lhes oferece voz e lhes coloca rótulos pela sua condição social.⁶⁵

Como militante comunista, Galvão participou de vários atos e manifestações anti-capitalistas e sofreu por diversas vezes represália policial, ficando conhecida como a primeira mulher a ser presa por motivos políticos.⁶⁶ O período de embate com a polícia foi marcado principalmente nos anos em que militou ativamente no PCB. Pagu, por toda vida, sofreu com a opressão social relativa ao gênero feminino. Pelo fato de o combate ao machismo ter sido

⁶⁴ HIGA. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁶⁵ SOUSA. "Parque Industrial - a literatura feminina engajada de Patrícia Galvão/Pagu".

⁶⁶ HIGA. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

bandeira de sua militância, Patrícia Galvão ao aderir ao comunismo deu para o feminismo um recorte classista.⁶⁷

Essa afirmação pode ser constatada através da crítica que Patrícia Galvão fez as feministas burguesas tanto no caderno *A Mulher do Povo* presente no jornal *O Homem do Povo* quanto em *Parque Industrial*. No livro, há uma cena que evidencia essa crítica de Pagu quando a militante feminista demite a empregada negra porque esquentou demais o banho. Assim, fica perceptível as incoerências dentro do movimento feminista que ao mesmo tempo que almeja a igualdade de direitos entre homens e mulheres, acabava algumas vezes mostrando o exercício do poder de algumas feministas, oriundo de sua posição econômica elevada, nas mulheres da classe trabalhadora, o que é contraditório na medida em que não é possível lutar contra a dominação dos homens em relação às mulheres se existe esse mesmo domínio entre as mulheres de classes sociais diferentes.

A forma mais sutil de machismo por ela denunciada no livro é a hierarquização e a divisão sexual do trabalho nas fábricas, permitindo que muitas mulheres fossem humilhadas e abusadas sexualmente por seus supervisores⁶⁸. Porém, o abuso sexual não se dava apenas na esfera do ambiente fabril, aparecendo também fora dele, pois, os burgueses de automóvel vão para o Brás, seja no Carnaval ou não, para seduzir as moças da classe trabalhadora para com elas manterem relações sexuais.⁶⁹

No livro nota-se os vários tipos de violência que os trabalhadores estão submetidos diariamente. Para começar nota-se a caracterização do cenário que aponta para uma visão negativa do progresso. O automóvel aparece como um objeto símbolo da dinâmica do futuro, cuja carga pejorativa é dada pela associação à burguesia. Nesse sentido, as imagens dos carros são associadas aos patrões, às clientes das fábricas de tecidos e oficinas de costura e até mesmo, como já foi mencionado, as investidas sexuais que os burgueses fazem às proletárias.⁷⁰

A fábrica em torno da qual o bairro operário se encontra aparece como o símbolo maior de opressão da modernidade, uma vez que a indústria não representa o lugar de trabalho livre, mas, ao contrário, é considerada como “penitenciária social” que não só aprisiona e desumaniza o

⁶⁷ _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁶⁸ _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁶⁹ _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁷⁰ _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

trabalho como também torna escravos os vendedores da força de trabalho ao tira-lhes o tempo e a consciência.⁷¹

Dessa maneira, Patrícia Galvão mostra o ritmo de vida dos proletários tão acelerado quanto a própria narrativa da obra que é veloz e fragmentada como manda o ritmo de produção fabril. Sendo assim, a dominação do tempo e a narrativa linear não permitem espaço para a memória dos operários, o que aponta a despossessão dos trabalhadores de sua própria história e consciência. De acordo com a crítica literária Thelma Guedes, a única personagem que apresenta memória e registra na obra o tempo passado é Rosinha.⁷²

Na ficção, a violência praticada contra a mulher alcança níveis mais extremos de barbárie, tanto através de espancamento, perceptível quando Florino agride de forma costumeira a mãe de Corina, como por meio de estupro, apresentado no livro no momento em que Alfredo tira a virgindade de sua noiva Eleonora e quando um burguês, no capítulo *Paredes Isolantes*, se gaba da violência cometida.⁷³

Em *Parque Industrial*, a polícia é apresentada como representante do Estado burguês e os filhos dos trabalhadores aprendem desde criança que a burguesia comanda os policiais a agredir e matar os trabalhadores organizados. Tal violência aparece principalmente nas cenas em que há manifestações grevistas⁷⁴. O ápice da violência policial no livro aparece no assassinato do militante negro Alexandre, que ocorre durante o comício no largo da Concórdia.⁷⁵

Acrescenta-se a isso a questão da prostituição como algo que mostra a condição social que as mulheres pobres têm de se submeter. No livro, a vida levada por Corina nos momentos em que ela vaga pela cidade de estômago vazio evidencia a violência simbólica que muitas mulheres sofrem em uma sociedade como a nossa de capitalismo periférico.⁷⁶

Deve-se prestar atenção ao fato de que a análise de algumas personagens e passagens específicas evidenciam outros tipos de violência que a própria autora sofrera: a repressão policial, a opressão relativa à condição social da mulher e as violências exercidas pela direção do Partido Comunista⁷⁷. Com isso, pode-se inferir que a própria experiência de vida da autora influenciou na

⁷¹ HIGA. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁷² _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁷³ _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁷⁴ _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁷⁵ _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁷⁶ _____. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

⁷⁷ HIGA. *As representações da violência em Parque Industrial de Patrícia Galvão*.

forma com que ela representou as trabalhadoras na sua obra, forma esta que se centra em denunciar o processo de opressão material a que estavam submetidas.

A Trajetória de Vida das Operárias e a Questão dos Papéis e Valores Destinados as Mulheres Brasileiras no Começo do Século XX

Retornando para as trabalhadoras entrevistadas, nota-se que a maioria delas depois de casadas sofreram restrição por parte dos maridos para continuar no trabalho, para além da questão da carga do trabalho doméstico e o cuidado dos filhos, considerados tarefas obrigatórias da mulher. A partir disso, faz-se necessário entender o motivo pelo qual muitas dessas mulheres foram impedidas ou impossibilitadas de continuar no mundo do trabalho, relacionando esse fato com os papéis que destinados às mulheres no início do século XX caracterizaram também as décadas de 30 e 40.

Com base no comportamento feminino das camadas médias e elevadas, impunha-se às mulheres as prescrições dos juristas acerca da impropriedade de uma mulher honesta sair só. Aliava-se tal norma com a proposta burguesa, referendada pelos médicos, sobre a divisão dos âmbitos que destinava às mulheres o domínio da esfera privada e aos homens, o da pública.

Dessa maneira, baseado na crença de uma suposta natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções do âmbito privado, o discurso estabelecia que o lugar da mulher era o lar, e sua função consistia em casar, gerar filhos para a pátria e formar o caráter dos cidadãos de amanhã. Dentro dessa perspectiva, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar, nem para os homens dentro da casa, já que a eles pertenceria a rua e o mundo do trabalho.⁷⁸

Nos anos 20 e 30, a figura da “mãe cívica” passa a ser vista como aquela que preparava física, intelectual ou moralmente o futuro cidadão da pátria, este que contribuía de forma decisiva para o engrandecimento da nação. Tal imagem da mulher que a associava ao lar e lhe destinava as funções de esposa-mãe-dona de casa era imposto por vários setores sociais: era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. De maneiras diferentes, também as trabalhadoras eram percebidas por vários setores da sociedade - frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e indesejáveis para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e degeneradas para os médicos e juristas.

⁷⁸ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do Mundo Feminino”. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil República: da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

O fato de não ser apropriado que a mulher saísse sozinha, como foi visto no caso da operária Isabel, pode ser explicado pela premissa de que a rua simbolizava o espaço das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas nesses novos tempos de preocupação com a moralidade como indício de progresso e civilização.⁷⁹

Um aspecto relevante e que se associa diretamente ao fato de a maioria das trabalhadoras entrevistadas terem sido impedidas por seus cônjuges de trabalhar após o casamento está na relação entre a mulher no trabalho e a questão da moralidade imposta pela sociedade. Pode-se notar nos discursos de diversas camadas sociais a presença da ameaça à honra feminina representada pelo mundo do trabalho. Assim, verifica-se a percepção da fábrica como lugar de perdição, no qual a mulher operária é representada como uma figura totalmente passiva e indefesa. Essa percepção encontra-se relacionada seja diretamente como indiretamente à vinculação da mulher à esfera da vida privada.⁸⁰

As desigualdades entre as funções desempenhadas por homens e mulheres, que os identificaram ou com a rua ou com a casa, vieram acompanhadas de uma valorização cultural, ou seja, as atividades masculinas foram mais reconhecidas que as exercidas pelas mulheres, razão pela qual foram dotadas de poder e valor.⁸¹

Tal afirmação pode ser verificada através da análise dos jornais trabalhados que pouco trata nos seus artigos sobre a mulher trabalhadora. Quando retratada, a operária é relacionada, principalmente, com questões de comportamentos femininos, beleza, saúde e cuidados da casa e dos filhos do que propriamente com questões pertinentes ao mundo do trabalho, ainda que esta fosse sindicalizada. Isso fica evidente em um artigo que aborda a mulher operária em um concurso de beleza promovido pela Feira das Indústrias da Cidade de São Paulo:

Na Capital foi instituído pela Feira das Indústrias um grande concurso que teve por fim eleger a Rainha dos trabalhadores nas Indústrias daquela metrópole. O empreendimento despertou vivo entusiasmo e interesse entre os Sindicatos dos Industriários e entre o operariado em geral... Entre estas destacou-se, entretanto a senhorita Vitoria [...] filiada ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de S. Paulo que conseguiu a sua eleição por considerável diferença de votos⁸².

⁷⁹ SOIHET, Rachel. "Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano". In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

⁸⁰ RAGO, Margareth. "Trabalho Feminino e Sexualidade". In: _____. *História das Mulheres no Brasil*.

⁸¹ MALUF; MOTT. "Recônditos do Mundo Feminino".

⁸² ANIMADO Concurso de Beleza Promovido pela Feira das Indústrias da Cidade de São Paulo. *O Imparcial*, Santo André, 1 de novembro de 1941.P.1.

Como Bárbara Weinstein constata, as mulheres da classe operária latino-americana nas primeiras décadas da industrialização enfrentaram desafios assustadores como as relações e confrontos com modelos de feminilidade e respeitabilidade que passavam nesse período por uma intensa transformação.⁸³

No ensaio de Weinstein sobre gênero e classe na América Latina, a autora sugere que na América Latina imagens de feminilidade refletiram padrões de gênero de uma camada média emergente que tenderam a minar a identidade política das mulheres oriundas da classe operária, uma vez que houve uma aproximação das mulheres populares ao gosto e estilo associados com a mulher da classe média.⁸⁴

Em tal afirmação de Bárbara Weinstein parecem se enquadrar as trabalhadoras têxteis de São Paulo e São Bernardo, pois a partir do fato de que as entrevistadas não participaram efetivamente em greves da categoria sugere-se que tanto as greves como os protestos conflitavam com modelos de comportamentos femininos que não eram desprezados pelas mulheres operárias. Assim infere-se que a identidade de gênero influenciava a identidade de classe.

Historiadores especializados em história do trabalho feminino, ao mesmo tempo em que recuperaram evidências sobre o comportamento contestatório entre as mulheres da classe trabalhadora nos protestos operários, tem também se mostrado relutantes em focalizar aquelas mulheres operárias que evitaram greves ou protestos porque tais ativismos significavam transgressões ao comportamento feminino. Assim, não é difícil encontrar exemplos de mulheres receosas com a participação nos movimentos operários por medo de parecerem brutas ou masculinizadas⁸⁵. Tal imposição de um comportamento feminino ideal pode ser visto através de um artigo intitulado “Feminilidade”, presente no jornal *O Imparcial*.

Embora digam que é moda a mulher-homem, ultra esportiva, arrebatada, etc, nunca é demais a moça ser bem feminina. A mulher pode e deve fazer esporte, andar sozinha, estudar nas Universidades, trabalhar nos escritórios, mas pode e deve também conservar-se em tudo e antes de tudo mulher.

A sua maior força é a fraqueza, o seu maior encanto a doçura, o seu maior atrativo a delicadeza. Os homens, gostam de se sentir superiores, fortes e protetores.

⁸³ WEINSTEIN, Bárbara Weinstein. *Elas Nem Parecem Operárias*: feminilidade e classe na América Latina no século XX. Disponível em: < <file:///C:/Users/natalia/Downloads/18940-68190-1-SM.pdf>>. Acesso em 25 de agosto de 2014.

⁸⁴ _____. *Elas Nem Parecem Operárias*: feminilidade e classe na América Latina no século XX.

⁸⁵ _____. *Elas Nem Parecem Operárias*: feminilidade e classe na América Latina no século XX.

Seja mulher, suave, simples, atenciosa e delicada.
Acompanhe a moda, seja simples sem ser descuidada, instruída sem ser pedante.⁸⁶

A partir desse excerto, percebe-se uma ligação entre a conquista de direitos da mulher com a questão da feminilidade, como se um aspecto fosse necessariamente excluir o outro. Assim, a mulher poderia desfrutar desse processo emancipatório cursando o ensino superior ou trabalhando, mas não deveria se esquecer das características inerentes à personalidade feminina como a delicadeza e a fragilidade.

Tal imaginário perdurou por muito tempo: até o final dos anos 1980, por exemplo, poucas pessoas se denominavam como feministas, uma vez que o feminismo que de forma concisa pode ser entendido como a luta em prol da igualdade de direitos para homens e mulheres era no senso comum associado à luta de mulheres masculinizadas, feias e lésbicas.⁸⁷ Ainda hoje é raro encontrar mulheres nas diretorias de sindicatos e entre as principais lideranças sindicais.

Com isso, é possível pensar que a normatização do comportamento feminino implicava, como está implícito no documento, que a mulher mesmo conquistando aos poucos o âmbito público conservasse ainda um papel submisso em relação ao homem e, indo mais além, às próprias normas prescritas pela sociedade. É claro, que muitas mulheres se opuseram a tal ideário, porém não se pode negar o peso desse imaginário relativo ao comportamento feminino na organização social das décadas de 1930 e 1940.

O trabalho era o que de fato conferia poder ao marido, assim como lhe dava pleno direito no âmbito familiar, ao mesmo tempo em que o tornava responsável, ainda que de modo informal, pela manutenção, assistência e proteção dos seus dependentes. Sendo assim, era considerada desonrosa a complementaridade do trabalho remunerado da mulher para enfrentar os custos de sobrevivência familiar, uma vez que feria a identidade social da mulher e do homem.⁸⁸

As mulheres pobres que tinham que trabalhar para ajudar no sustento da família eram consideradas ignorantes e irresponsáveis, tidas como mais irracionais que as mulheres das classes médias e altas, e essas últimas eram consideradas menos racionais que os homens. Com isso, as

⁸⁶ Jolite. Feminilidade. *O Imparcial*, Santo André, 8 de novembro de 1941. P.3.

⁸⁷ PEDRO, Joana M. "Corpo, Prazer e Trabalho". In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (orgs.). *A Nova História das Mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

⁸⁸ MALUF; MOTT. "Recônditos do Mundo Feminino".

várias profissões femininas como costureira, operária, empregada doméstica, artista entre outras eram associadas à imagem de degradação e prostituição.

Para as mulheres que puderam continuar no trabalho após o casamento esperava-se que antes de se dedicar ao trabalho remunerado, fossem boas donas de casa, o que era considerado como uma qualidade intrínseca da "alma feminina". Tal visão permeava todas as camadas sociais, independente da mulher ser uma doutora ou uma operária.⁸⁹

Alguns casos como o da trabalhadora Lourdes que se separou devido à infidelidade de seu esposo mostram que o estereótipo do marido dominador e da mulher submissa não se aplica totalmente às diversas camadas sociais, principalmente às das classes populares. Algumas mulheres reagiam à violência física, outras se recusavam a suportar situações humilhantes chegando mesmo a abrir mão do matrimônio, instituição altamente valorizada para a mulher na época.

Em síntese, é possível afirmar que apesar de essas mulheres operárias terem sofrido diversos empecilhos para atuar no espaço público, sendo, por exemplo, muitas vezes impedidas por seus maridos de exercer uma atividade remunerada, não significa que tais trabalhadoras assumiram um papel de vítima diante dessas situações, ao contrário disso, continuamente elas reagiram ora de uma forma direta ora indireta aos diversos cerceamentos sociais, tornando-se agentes de sua própria história.

⁸⁹ MALUF; MOTT. "Recônditos do Mundo Feminino".